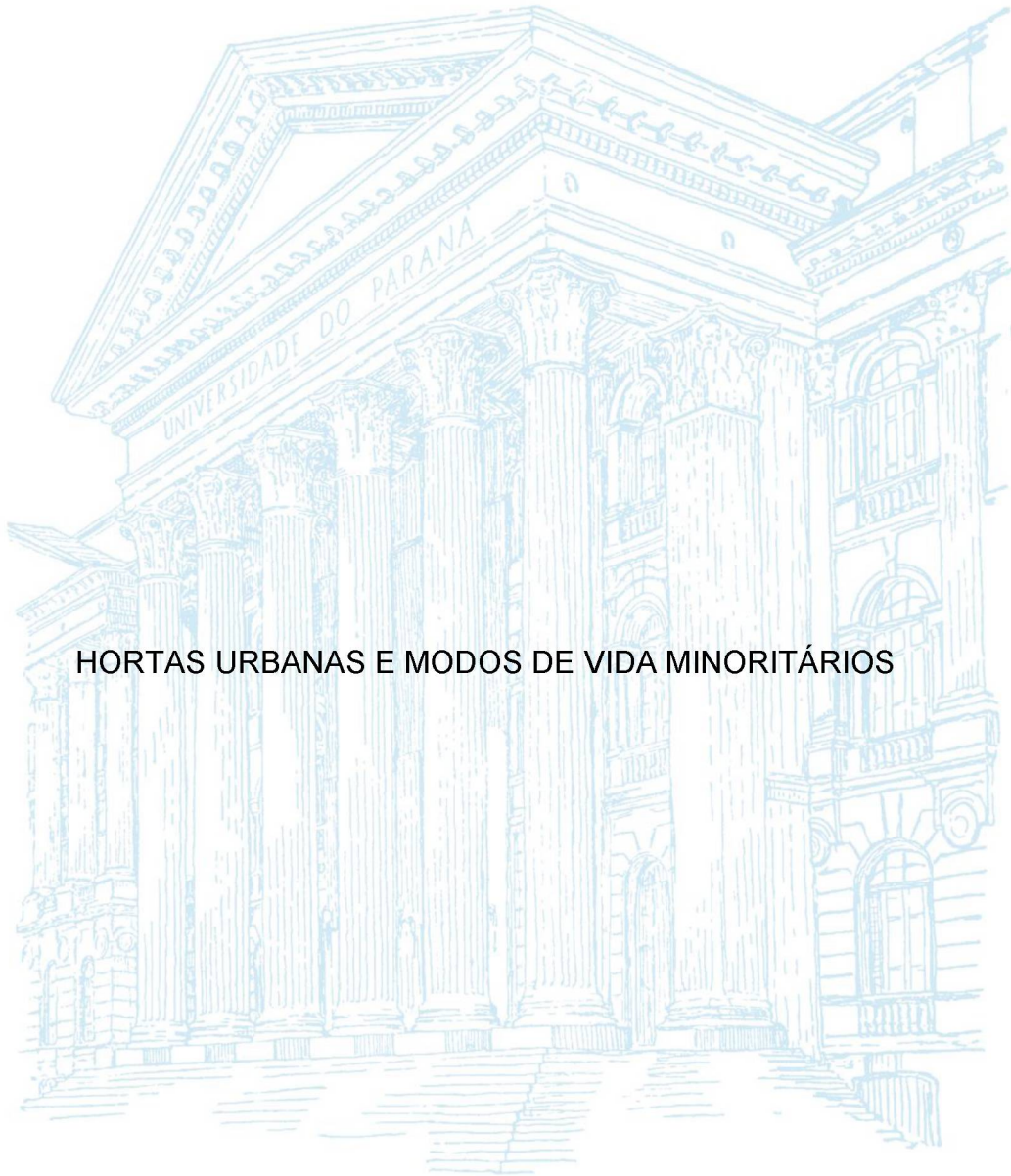


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GABRIELA DE SOUSA TÓFFOLI



HORTAS URBANAS E MODOS DE VIDA MINORITÁRIOS

CURITIBA

2019

GABRIELA DE SOUSA TÓFFOLI

HORTAS URBANAS E MODOS DE VIDA MINORITÁRIOS

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática do Setor de Exatas da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.^a Dra. Kátia Maria Kasper

CURITIBA

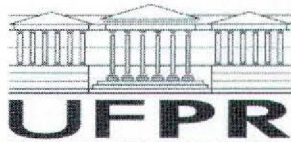
2019

Catálogo na Fonte: Sistema de Bibliotecas, UFPR
Biblioteca de Ciência e Tecnologia

- T664h Tóffoli Gabriela de Sousa
Hortas urbanas e modos de vida minoritários [recurso eletrônico] / Lígia Moraes Barizon de Souza – Curitiba, 2019.
- Dissertação - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Exatas, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática.
Orientadora: Kátia Maria Kasper
- Cartografia (Educação). 2. Ecosofia. 3. Hortas urbanas. I. Universidade Federal do Paraná. II. Kasper Kátia Maria. III. Título.

CDD: 370.91732

Bibliotecária: Roseny Rivelini Morciani CRB-9/1585



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR CIÊNCIAS EXATAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO EM
CIÊNCIAS E EM MATEMÁTICA - 40001016068P7

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM MATEMÁTICA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **GABRIELA DE SOUSA TÓFFOLI** intitulada: "**Hortas urbanas e modos de vida minoritários**"., após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua aprovação no rito de defesa.
A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 28 de Fevereiro de 2019.


KÁTIA MARIA KASPER


Presidente da Banca Examinadora (UFPR)


MARCOS AURÉLIO ZANLORENZI

Avaliador Interno (UFPR)


ANDRÉ PIETSCH LIMA

Avaliador Externo (UFPR)


LEANDRO BELINASO GUIMARÃES

Avaliador Externo (UFSC)



AGRADECIMENTOS

À avó Tereza, por ter criado os cheiros, texturas, bordados e os aromas que me acompanham desde a infância. Por me ensinar a encher o coração de domingo.

À minha mãe, pela presença constante e paciência para as intermináveis horas ao telefone nas conversas sobre Micropolítica.

Ao meu pai, por me ensinar que a vida tem graça. Permitindo-me variar a existência.

À minha irmã, por trazer sempre viva a memória de um tempo em que a chuva escorria livre e fluida pelos cabelos. Parceira fundamental nas minhas aventuras.

À Prof.^a Kátia Kasper, por me ensinar a cultivar incertezas e dar aquela força para abandonar o porto. Pela presença e atenção sempre sensíveis ao processo desta pesquisa. Pela sua amizade, parceria e confiança.

Aos colegas do grupo de pesquisa e do Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e em Matemática e aos professores que acompanharam e ajudaram a construir esta caminhada.

Aos meus amigos, em especial, Elisa, Thalita e Rafael, que dividiram quilômetros de intensidades e me ajudaram a ver o mundo com leveza. Alegria em potência.

Aos professores, Leandro, André e Zan, pelas leituras atenciosas e por acolherem meus escritos de maneira afetuosa.

Ao seu Paulo, a dona Jasti, ao Jacu, às ervas daninhas, às babosas, aos minerais, às minhocas e ao Sabiá.

A todos aqueles que habito e aos que me fazem casa.

A ciência pode classificar e nomear os órgãos de
um sabiá
mas não pode medir seus encantos.
A ciência não pode calcular quantos cavalos de
força existem
nos encantos de um sabiá.
Quem acumula muita informação perde o condão
de adivinhar: divinare.
Os sabiás divinam.

Manoel de Barros, **O livro sobre nada.**



RESUMO

Esta pesquisa cartografa hortas urbanas e modos de vida minoritários na cidade de Curitiba. Os percursos que apresento aqui se construíram em campo, cartografando, entre solicitações constantes pelo cultivo de uma atenção outra para a cidade, para as hortas, para os modos de existência, para os autores e para a processualidade da pesquisa. Ao cartografar esses processos, passei a perambular pela cidade em busca de inutilidades, em busca da coexistência com os tropeços, com as incertezas. O que, também, alinhava esta escrita. Cultivo do olhar, desnaturalizando a cidade que eu-via e os caminhos pré-determinados das andanças cotidianas. Deparo-me com a cidade das sarjetas, com o inútil, com os cacos e as demolições, com várias cidades coexistindo ao mesmo tempo e, no encontro com as hortas, acolho essas aprendizagens e me deixo levar por canteiros que parecem insinuar caminhos. Ao percorrê-los, percebo as ervas daninhas ultrapassando os limites de concreto ou madeira, desrespeitando os espaços determinados, conectando-se em subsolo. Rizoma. Travo conversas com babosas, confrei, alecrim, Dona Jasti, Deleuze, Guattari e o sabiá. Tateio uma escrita mineral. As questões que se apresentam buscam ampliar as possibilidades do que cabe em uma pesquisa em Educação em Ciências. Essa trajetória, tortuosa, repleta de becos, pede uma abertura a leituras outras e solicita um corpo poroso, permeável. Disponível. Platôs em variações, intensidades, movimentos, texturas e temperaturas. Interessam os processos de diferenciação que acontecem em movimento molecular. Marcas na pesquisa e na pesquisadora que, aberta aos afetos que pedem passagem, busca as linhas de fuga que possam produzir variações nas questões que compõem esta pesquisa.

Palavras-chave: Hortas urbanas. Micropolítica. Ecosofia. Cartografia. Educação.

ABSTRACT

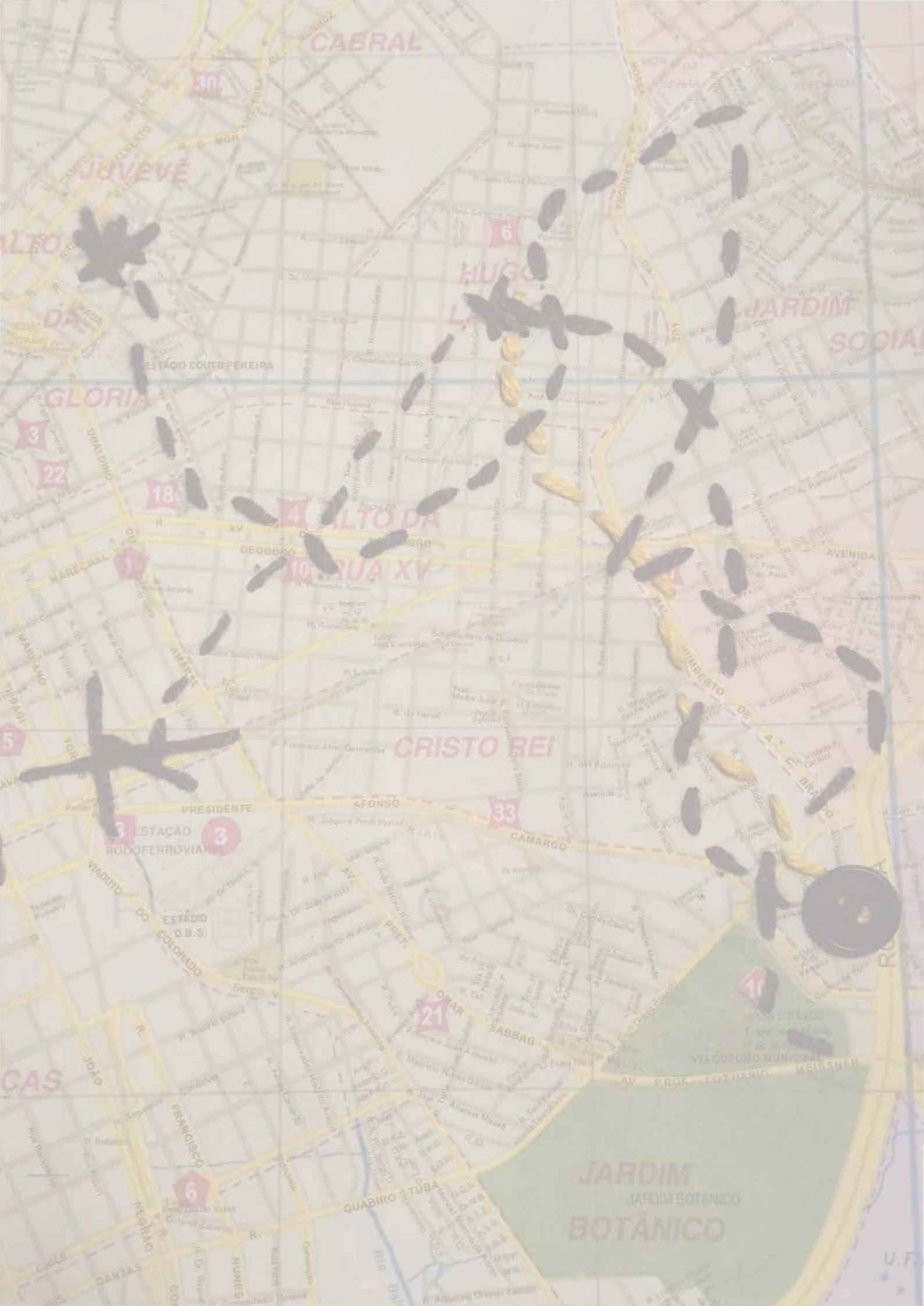
This research maps urban vegetable gardens and minority lifestyles in the city of Curitiba. The courses that I present here were built in the field, by mapping, between constant requests for the cultivation of other forms of attention to the city, the urban gardens, the modes of existence, the authors, and also the research process. By mapping these processes, I began to wander around the city looking for futility, seeking coexistence with stumbling blocks, and with uncertainties. This, also, aligned this writing process. The cultivation of the gaze, denaturalizing the city I saw and the pre-determined paths of everyday wanderings. I find the city of gutters, the useless, the shards and the demolitions, with several cities coexisting at the same time, and in the meeting with the gardens, I welcome these learning and let myself be led by vegetable garden beds that seem to hint paths. As I walk through them, I perceive the weeds passing the limits of concrete or wood, disrespecting the determined spaces, connecting with the underground. Rhizome. I talk to Aloe Vera, Confrei, Rosemary, Dona Jasti, Deleuze, Guattari and the Sabiá bird. I grope a mineral writing. The questions that are presented seek to enlarge the possibilities of what fits in a research in Science Education. This path, tortuous, full of alleys, asks for an opening to other readings and asks for a porous, permeable body. Available. Plateaus in variations, intensities, movements, textures and temperatures. The concerns are about the processes of differentiation that take place in molecular motion. Imprints in the research and also in the researcher who, open to the affections that ask for passage, seeks the escape lines that may produce variations on the issues that compose this research.

Keywords: Urban vegetable gardens. Micropolitics. Ecosophy. Cartography. Education.

SUMÁRIO

NAUFRAGAR – ANOTAÇÕES ANTEPÓSTUMAS NO CADERNO DO VIAJANTE	9
CATAR – EXPERIMENTAÇÕES URBANAS DE RE-EXISTÊNCIA	19
CACOS, INUTENSÍLIOS, UMA ATENÇÃO CULTIVADA	21
UMA CIDADE EM DEVIR	23
MARÉ BAIXA E O ANÚNCIO DE PARTIDA	24
O ENCONTRO OU A PRAGMÁTICA DAS PORTAS	25
POÉTICAS DA DEMOLIÇÃO	26
ADENSAR – ODE AO MÚLTIPLO	31
HORTA DE CALÇADA DO CRISTO REI	35
COLETIVO MÃO NA TERRA	37
HORTA DO JACU	38
HORTAS DO CIC	40
COSTURAR – PERFURAÇÕES QUE FEREM	44
TRAJETOS EXISTENCIAIS, UM MAPA	46
DE-COMPOSIÇÕES	47
RE – MEDIAR – ALQUIMIAS QUANDO O OUTRO CHEGA	51
CONTORNOS IMPERCEPTÍVEIS	55
INVENTÁRIO BOTÂNICO AFETIVO	58
REFERÊNCIAS	77

NAUFRAGAR
ANOTAÇÕES ANTEPÓSTUMAS NO CADERNO DO VIAJANTE



CABRAL

JUVEVE

ALTO DA

GLORIA

HUGO

JARDIM

SOCIAL

ESTADIO COUTO PEREIRA

3

22

18

6

ALTO DA

DEBBORA

RUA XV

CRISTO REI

X

5

PRÉSIDENTE

AFONSO

33

CAMARGO

3

ESTACÃO RODOFERROVIA

ESTADIO O.B.S.

COLOMBO

21

SABBAG

H

CAS

FRANCISCO

6

GUABIRO ETUBA

JARDIM BOTANICO

7

VEZENDORIO MUNICIPAL

U.F.

É coisa nenhuma por escrito:
um alarme para o silêncio,
um abridor de amanhecer,
pessoa apropriada para pedras,
o parafuso de veludo, etc., etc.
O que eu queria era fazer brinquedos com as
palavras.
Fazer coisas desúteis. O nada mesmo.
Tudo que use o abandono por dentro e por fora.

Manoel de Barros

CACOS, INUTENSÍLIOS, UMA ATENÇÃO CULTIVADA

Duas semanas se foram
Contadas
E o nada
Nada, nem um singelo pedaço de qualquer coisa na calçada
Os olhos ouriçados
Os cacos
Prolongamentos
Onde?
Esconderam-se, nos entremeios da cidade que se move,
que não se apresenta na proposta de algo ou qualquer coisa.
A cidade que acontece sempre e quando quer
algo e aquilo que não se deixa capturar
Os pedaços que esperava.
Não encontro sequer uma folha no chão.
Um zumbido,
o acontecimento não se produz.
Vejo tanto
Eu-Via
Serão essas ruas as da minha própria memória em pedaços?
O desejo de produzir prolongamentos no que já criou tentáculos.
Captura?
A cidade, um frame, o segredo dos outros.
A maçaneta da porta – madeira maciça.
Que ao abrir range e des-segreda a biblioteca.

O caco da sopeira, louça antiga
Anúncio de brodo e capeletti, vinho, as nonas e os risos.
O acontecimento não se produz!
Outro fantasma. Ou o mesmo?
O encontro talvez seja mesmo um nada de planejamento, nem estratégia,
nem experimento.
O encontro é uma ferida
acidental.
Vejo ele, sempre.
Ele
que rouba antes de mim, com aquele carrinho manco, o que seria minha
escrita vivaz.
Escrita manca
Como se rouba vontade com um carrinho de pneus de bicicleta?
Os roubos e os raptos.
Antes de mim?
Penso que se escondem
os cacos, ele e o carrinho.
Não pretendem ser objetos de nada
O prolongamento inútil e inventado daria a eles um *animus*
Um objetivo, objeto.
Eles não o querem
não o desejam
Eu os desejo
e são apenas cacos, ele e o carrinho
sempre
antes de mim?

Experimentações, uma cidade e o que se apresenta fora, nas calçadas,
inservíveis objetos, pedaços, cacos que ao presenciados como encontro abrem-se
em possibilidades, potência onde antes não se via nada. É essa a nascente.
Preparar o olhar para o inútil, como proposta de trajeto e escrita, como terreno fértil
para um exercício do pensamento. E é nesse espaço entre o útil e o inútil que pulsa

a experiência criativa, um movimento de aproximação e distanciamento que produz efeitos outros, escapante, na cidade e suas inutilidades.

A utilidade nos assombra. Tem sido fonte energética para os modos de produção de subjetividade. Organiza a vida humana no status do capital, no sentido mais prático e cruel que esse possa imprimir. O útil impregnado à vida. No trabalho, o útil nas relações sociais, a utilidade dos desejos, dos afetos, da energia e tempo depreendido para algo. A utilidade como fonte de modelização é também produtora de angústia, da sensação de não pertencer.

A produção desses modos de vida valorados pelo capital marca os aspectos da vida humana, os mecanismos de produção de subjetividade atuam e moldam o cotidiano. Internalizamos papéis sociais, relacionamo-nos com o ambiente como mero cenário e, no entanto, há algo em nós que apela à inutilidade, ao caótico, ao devaneio, ao perambular, ao ócio, ao inútil.

UMA CIDADE EM DEVIR

Ando pela cidade. Uma cidade, bairros e ruas que cruzo no caminhar da vida cotidiana, idas e vindas de lugares determinados, ações previstas, horas e funções sabidas de antemão. Todos os caminhos levam a algum lugar. Nesse sentido, estou no trajeto de forma a não esbarrar em nada que me desorienta, me tire do eixo, do traçado. Linha dura, inequilibrável.

Existir num contexto de produção de subjetividade capitalística, no entretenimento constante de existência fundada na labuta, no trabalho de constituir algo que lhe é dado algum valor produtivo, pouco significado. Semiótica da finalidade. Existir no espaço da utilidade, espaços de passagem e uso, não de permanência e criação. A relação com a alteridade, com o Outro, está comprometida. Redundância de imagens e comportamentos.

Os modos de viver na cidade estão em questão. Não apenas as degradações ambientais nos fazem companhia constante, mas também a degradação da vida, das relações com o ambiente e com a alteridade.

As revoluções científicas e tecnológicas, o aprimoramento das máquinas de fazer, marcam uma alteração no tempo da atividade humana. Mas para quê? No sentido de proliferar as condições de desemprego, angústia e marginalização? Ou o

efeito será em via contrária, um tempo propício para criar novos modos de viver? Forjar outros encontros, num ritmo descompassado, na espreita de novas sensibilidades.

Numa via oblíqua, cruzamento. A cidade fere, atropela. Chegada de onda brava derruba, revolve e devolve à superfície. A cidade desafia. Pulsa. Interroga. Uma súplica sussurrante que à luz do dia se transforma. Mutações dançantes das sombras das árvores. O movimento, antes de qualquer outra coisa. Vias e possibilidades interessam. O passo necessita de outra cadência. Outros também os trajetos, compondo por mesmas linhas rupturas, linhas de fuga. Universos surgem naquilo onde nada se esperava. Uma cidade carecendo de deslizos, tropeços e máquinas mancas.

MARÉ BAIXA E O ANÚNCIO DE PARTIDA

Partir. Abandonar o porto. Sem bagagem. Deixar essa cidade cotidiana, na espera de uma outra, a cidade em devir. Porém, desse desejo emana uma viscosidade não esperada.

O lodo, areia movediça que diminui a velocidade do corpo, do pensar. O lodo que chama a ficar e que grita o abandono. Areia tomando todo o corpo, areia quente, o fora pede um esforço monumental. O corpo pede o ar, movimentam-se as pernas, como um grão fugitivo. Braços vão tomando forma de nadadeiras e o tronco se remexe em contração, feito andar de cobra. Partir não tem porto, nem chapéu de palha, o aceno então muito menos. Tem força e movimento. De fuga.

Desautomatizar. Cultivar uma presença de corpo todo. Trajetos desconhecidos, outras texturas de pisar, sem destino definido. Aliados. Compor com o que sobra. Olhar estrangeiro para a mesma cidade. Um ato de re-existência. Busca como exercício descontínuo. Encontro com cacos, Aquilo que está fora, na calçada, na sarjeta. Aquilo que se apresenta em parte, quebrada, suja, inútil.

Catar. Verbo. Movimento que provoca o pensar sobre o que escapa à lida cotidiana, às sensibilidades que estão na sarjeta e que ressignificam quem cata e o que é catado, dupla-captura. Sentidos incorporados no caco e na catadora. Juntar os cacos provoca marcas no corpo da pesquisadora, o gesto de quem cata. Agachar. Outras perspectivas. Horizonte-chão.

Um outro modo de estar na cidade, que produz efeitos. Corpo que se refaz na malha quadriculada de moradias, ruas e calçadas. Eu-Via. Perambulações não intencionais, roubo de inutilidades, esse é o gesto. Delírios ambulatórios.

O ENCONTRO OU A PRAGMÁTICA DAS PORTAS

Abro-me em carne viva, aceito o encontro como uma ferida. Vivo, latente, viscoso, que pede uma atenção outra, um comparecer recíproco aos acontecimentos. Em ferida, aceito também a cicatriz, as marcas que produzem em mim as afecções. Por isso, descolo também da significação constante do que me ocorre, promovendo um estado de espera. As cicatrizes que seguem e os novos rasgos vão produzindo um efeito de abertura. Meu encontro agora se dá com uma porta, encostada no muro de uma casa antiga, junto com outros entulhos.

Como forjar outros modos de viver na cidade? O *entre* como um convite. O *entre* como devir. Os cacos na cidade provocam outra desterritorialização. Com caminhos preestabelecidos, passos ritmados por costume, apressados. Modos de existir na cidade modelados por funções cotidianas, o ir e vir está restrito à funcionalidade, ao cumprimento de obrigações e de papéis. Subjetividades privadas do *entre*, do que sobra, derrama e escapa ao útil. Uma vida validada por modos dominantes de valorização da atividade humana.

O *entre* pede o movimento descompassado do pensamento. Incita ao deslocamento do costumeiro e provoca outras conexões com a paisagem urbana, que colocam em outros lugares também as questões intrínsecas à subjetividade.

Uma porta que, em sua pragmática, serve para abrir e fechar. Para separar espaços, abafar sonoridades. É o início do estar dentro e que provoca o fora. Porta como convite. Porta como máquina de escolhas. O *entre*, espaço que ocupa a ripa de madeira ao abrir e fechar, que não é nem dentro nem fora.

Esse encontro provoca indagações sobre o *entre*, o *entre* como lugar de pensamento. O *entre* em devir, deslocamentos que desterritorializam o tão certo e sabido e que se abrem em possibilidades outras.

A porta e seu efeito do *entre* provoca um certo desconforto diante do desejo de não se ter apenas as opções dentro e fora. Experimentado, o *entre*

convoca a outras associações significantes sobre a vida na cidade, as relações que a povoam e à re-existência por uma lógica das intensidades.

Um ato. Verbo. Catar. Impregnado pelo exercício do pensamento. Micropolítica. Uma maneira, quase um espasmo, espanto. Um olhar para a alteridade, manchado pelas inutilidades, pode provocar outros agenciamentos que forjarão outras relações? As questões podem se suceder interminavelmente. O que reside é uma proposta de experimentação. Um exercício do pensamento. Quase um deslize, porém sóbrio, pela cidade que habito e pelos desertos que a irão povoar.

POÉTICAS DA DEMOLIÇÃO

Ela às vezes se sente uma espiã
alguém que demorou demasiado a chegar
ou que chegou cedo demais
e no entanto a deixam entrar
como se a casa fosse sua
como se ela fosse a única visitante
de um pequeno museu
para um único amor [...]
Conhecerão também as coisas o cansaço?

Ana Martins Marques

Uma casa ao lado. Da janela é possível acompanhar pouca coisa. Cortinas sempre cerradas. Um velho. Solitário. Velho louco? Ele me fotografa enquanto passeio com o cão. Incômodo. Vizinhança incômoda.

Uma casa, as paredes de madeira de um rosa gasto. Telhado-casa de gambá. Telhas sustentadas por colunas e ripas corroídas por cupim. Um leve vento já seria capaz de colocar tudo a ruir. Uma casa insustentável. Um velho solitário.

Abacates e flores no quintal nascem e morrem estatelados no chão. Árvore-casa de passarinho. Samambaias forçam o muro, rompem as brechas. Vida que surge, espremidas pelo concreto. Rachaduras. Ruir para dar espaço ao que vem.

Uma casa. Mistérios. Nenhum barulho. Nenhuma festa de aniversário. Nenhuma noite musical. Um velho solitário. Cortinas cerradas.

O velho faz a mala e se vai. Deixa a porta aberta. Casa-abrigo dos moradores de rua. Risadas e cheiro de fumaça. Um homem sobe a rua com uma

mala caindo aos pedaços. Está de mudança. Carrinheiros encostam no muro. A cerca de ferro se vai primeiro, depois os móveis, pedaços, molduras das janelas.

Três carros encostam, homens de bota descem. Trenas medem o terreno. Os cacos narram, mas importa o perímetro.

Tarde sem vento e o primeiro som surge da casa. Um ruído alto. Estrondo. Pedaços rosa gastos para o chão. Dias de martelos e motosserras. Primeiro os galhos. Depois as flores. As casas do passarinho. A casa do gambá. A casa do velho. A casa dos moradores de rua.

Curitiba, maio de 2018.

Povo do corpo, do movimento, povo de colocar os pés na frente e atrás. Ao mesmo tempo. De cavar buracos e propor margens in-habitáveis. Rua da Paz. “Onde anda esse corpo? Onde anda a canção que se ouvia da noite?”¹ Sugestão: Um corpo é muito mais do que um eu. E um eu já é coisa por demais por aqui. Aquelas pernas se contorcem, dobram, esticam, vão para debaixo dos joelhos. Da outra perna. Aqueles pescoços são roldanas muito bem lubrificadas. Apropriadas. Algo atípico no ar. Cheiro de capim alguma coisa. Cheiro que eu lembro de quando me fazem chá. Cheiro de infusão qualquer. Fumaça gustativa. Eu que bem gosto de tudo. Pés. Pernas. Joelhos. Pescoços. Capim.

Fumaça

Evaporam os membros. Apenas se escreve com outra qualquer coisa que não seja isso. Pés. Pernas. Joelhos. Pescoços. Capim

Fumaça

Escreve um Corpo sem órgãos? Dissolução. Letras. Fios. Máquina. Palavras em movimento. Saliva. Cartas de amor. Insensata proposição. Agora são Pés. Pernas.

Joelhos. Capins. Fumaças

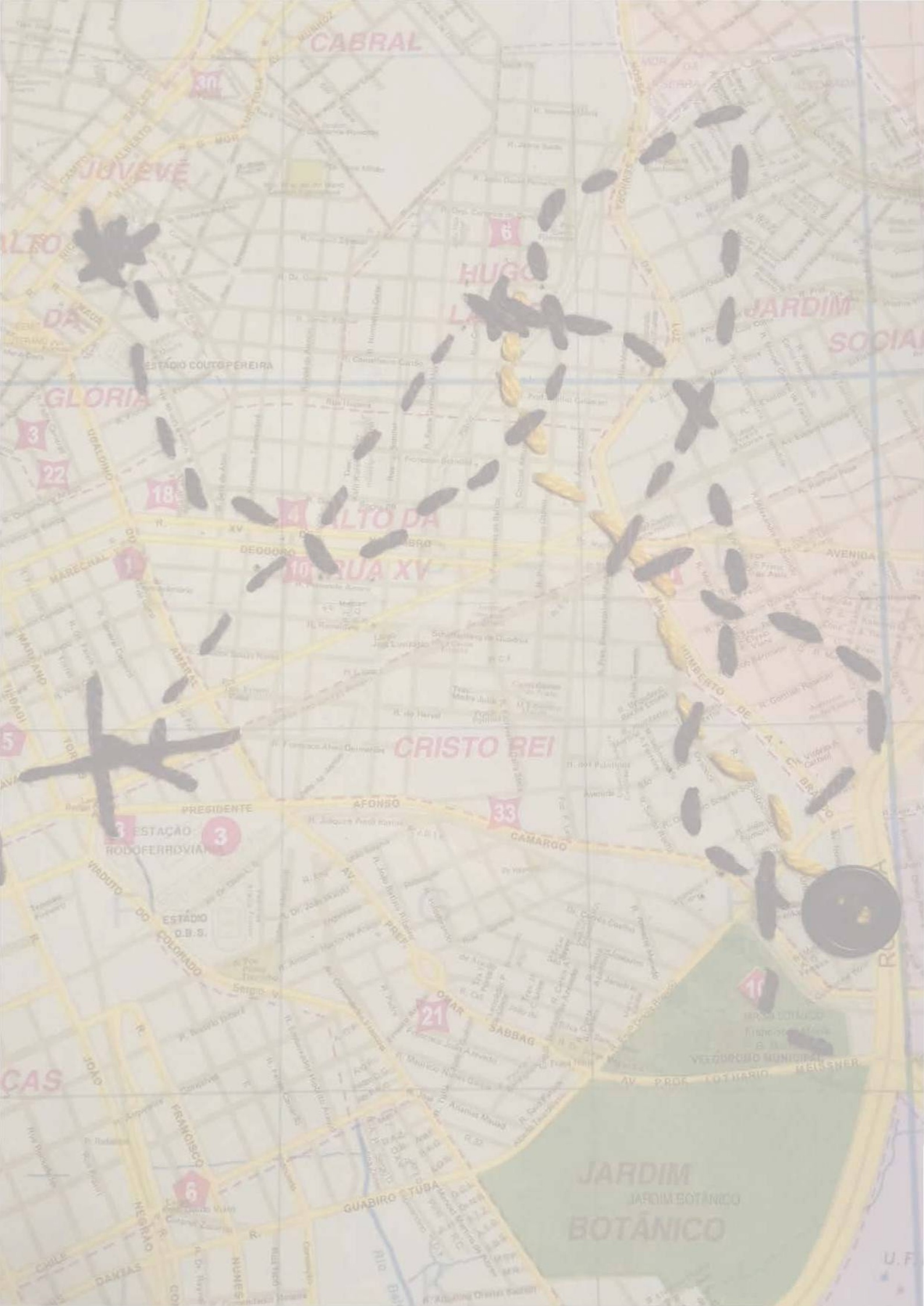
e o amor

¹ Trecho da música “Onde Anda Você” de Vinícius de Moraes.





**ADENSAR
ODE AO MÚLTIPLO**



CABRAL

JUVEVE

ALTO DA

GLORIA

HUGO

JARDIM

SOCIAL

ESTADIO COUTO PEREIRA

ALTO DA DEBBORA

RUA XV

CRISTO REI

ESTACAO RODOFERROVIA

CAMARGO

CAS

SABBAG

JARDIM BOTANICO

GUABIRO ETUBA

U.F.

Prefiro as máquinas que servem para não funcionar: quando cheias de areia de formiga e musgo – elas podem um dia milagrar flores.

Manoel de Barros

Adensar, recebo este verbo como um presente. Em conversa com os envolvidos nas hortas ele aparece quase que constante; vindo do conceito de agrofloresta, ele representa a ocupação do terreno de maneira diversa, quanto maior a variedade de plantas, alturas, raízes e folhas melhor será a qualidade do solo. Adensar também dispensa o manejo constante, já que o sistema se auto-organiza. Na Horta do Jacu esse verbo é presente. No entanto é possível observar a prática nas diversas hortas que compõem esta pesquisa. Um caos produtivo, que ao primeiro olhar pode sugerir a bagunça, o mato, um solo desorganizado. O que pode o caos? Canteiros não delimitam estritamente o que nasce, eles surgem como espaços de diversidade, diversidade viva. Caosmose.

Os textos que seguem foram produzidos com base em anotações do caderno de campo, que foi material importante para cartografar os movimentos, reflexões e ações nas hortas pesquisadas. Trata-se de uma composição com as anotações, fotos, imagens, textos coletivos, terra, plantas, umidade e experimentações em campo. Percepções de movimentos que vivem a micropolítica como potência criativa de outros modos de viver, ocupação do espaço urbano e outras relações. Penso também com aspectos relativos à formação, quando encontro outras maneiras de ensinar e aprender nesses espaços, quando o saber se torna fluido, não hierárquico, um laboratório de aprendizagens outras, no coletivo, no manejo, nos momentos de ócio e conversa.

As hortas urbanas em Curitiba trazem questões políticas de modos diversos. Ocupar os espaços públicos para plantio e manejo coletivo do que pode vir a ser alimento próximo e sem adição de agrotóxicos, as reinvenções estéticas do espaço urbano, entre tantas outras que podem surgir ao pensarmos em hortas na cidade. A Horta da Calçada do Cristo Rei está localizada no bairro que lhe dá nome, muito próxima à Linha Verde, avenida importante de ligação entre a região norte e sul de Curitiba. O espaço destinado à horta é uma calçada, em frente a um terreno baldio de propriedade privada, que faz vizinhança com o calçamento destinado aos pedestres. No ano de 2017, a horta sofreu por parte da prefeitura uma autuação, afirmando que o plantio atrapalhava a passagem de pedestres, atraía bichos e trazia

um ar descuidado ao espaço. A horta foi chamada pela prefeitura de “cultivo de mata”. Os coletivos e pessoas envolvidas organizaram manifestos e documentações que desmentiam esses argumentos, provocando uma grande movimentação de apoio nas redes sociais, resultando no recuo da prefeitura de Curitiba. Outras hortas urbanas também sofreram com atos similares. Uma conquista nesse período foi a aprovação, em 2018, do projeto de lei na câmara de vereadores, que prevê a regulamentação dessa prática na cidade. Os coletivos e demais envolvidos e interessados participaram da elaboração da proposta.

O Coletivo Mão na Terra foi um encontro proporcionado inicialmente pelas redes sociais. Ao acompanhar páginas de outros grupos envolvidos nesse processo, entrei em contato com o João Felipe, que logo me acolheu e convidou para conhecer o espaço. No início de 2017, ele e alguns amigos iniciaram o plantio, com o conceito da Agroecologia, num terreno à beira da ciclovia do Bosque do Papa. É um espaço privado e que, no entanto, tem absorvido práticas de comunhão com os vizinhos e pessoas interessadas no projeto. Oficinas e espaços de convivência, mutirões e momentos culturais têm se tornado programação efetiva e constante. Com o João, tive a oportunidade de conhecer os preceitos da Agrofloresta e participar ativamente de momentos de plantio no espaço. Aprendizagens que seguem ecoando, aprendizagens onde quem ensina e quem aprende provoca a lógica hierárquica. Aprendi com o manejo, nas conversas, atenta aos ecos e vozes que se seguiram às experiências.

Na Horta do Jacu fui recebida pelo “cara de chapéu de palha” que me contou como ocuparam o terreno que era do estado. Os processos de entrada não foram fluidos e ocorreram alguns embates burocráticos e políticos. No entanto, com a força do grupo e apelo da vizinhança conseguiram ativar um espaço e vivências que vão além das práticas de plantio. Quero ressaltar que a prática da horta tem absorvido e dado corpo à outras práticas, educativas, culturais, alimentares, de convívio. Conhecer o espaço, conversar com o “cara de chapéu de palha” foi de extrema importância para a pesquisa. Na Horta do Jacu, o ócio é cultivado, como espaço-tempo possível, as plantas crescem em diversidade. As pessoas chegam com seu lixo para compostar e ficam por lá batendo papo. As crianças correm. Na horta do Jacu tem panos coloridos na entrada e placas que convidam. Na horta do Jacu tem cinema, projetado no muro do vizinho, apresentações musicais, feira de sementes crioulas e momentos de troca onde o dinheiro não é moeda. Na horta do Jacu tem

outra língua. Jacutroca. Jacumotiva. Jacupalco. Na horta do Jacu experimentei uma bebida de mandioca fermentada criada pelos originários da região do Acre. Na horta do Jacu sentei no banco de tronco e esperei o dia passar. Não fiz muitas anotações no caderno. Elas se fizeram depois, após ir embora. Texto de dentro e fora.

Nas hortas do CIC fiz um amigo, seu Paulo. Um senhor baixo de boné, um senhor orgulhoso do que brotava. Um senhor de histórias mil e muito saber com a terra. Um senhor que manejava um espaço tão grande com uma delicadeza profunda e sem fardo. Como transformamos em fardo nossos quereres? Por que tudo vira força de trabalho com um valor a ser trocado? Essa lógica não faz mais sentido. É preciso forjar outras, buscar a delicadeza e o prazer nas práticas cotidianas, buscar o que nos traz alegria. Alegria como ato político. Se deleitar nos encontros. Seu Paulo me provocou e ainda provoca. Faz perguntas por vezes ácidas, como se falasse com a menina da cidade e quem sabe seja um pouco de tudo isso. Essa ideia deve conter um tanto da dor e saudade que gera esse êxodo. Dissolução de práticas cotidianas e de relação consigo e com o outro. Vontade de recuperação daquilo que nos faz? De se negar viver sob a lógica do capitalismo? De rasgar a trama e cair bordando? O avesso.

HORTA DE CALÇADA DO CRISTO REI

Uma calçada, via de mão dupla, muro que traduz desejos. Caminhos de serragem, um convite à entrada. Passeio entre flores, capuchinhos, alface, almeirão, peixinho, temperos. Insetos dividem espaço. Escuta. Motores de carro, frenagens. Zunidos. Sol e calor. Chego um pouco ansiosa. Surpresa. A horta está colada com a Linha Verde, paisagem estranha, grande avenida, movimento de carros, ônibus e caminhões, barulho incessante de motores. Linha Verde – grande avenida de ligação da cidade. Passeio pela horta. O muro chama atenção, intervenção de tinta. *A cidade somos nós. Linha mais Verde. Amor por Horta.* Ninguém aparece naquele momento, penso sobre o vazio. Está cheia, cheia de marcas. De quem já passou por ali, mosaicos, canteiros, desenhos. Poucas podas – cebolinhas que foram colhidas a pouco. Visco escorrendo. Cheiros. A salsinha já dá flor. Um homem corta a grama no canteiro ao lado, jardim do prédio. Roçadeira. Motor. Barulho. Muitas borboletas e

insetos transitam livremente pelas flores e plantas. Um carro estaciona. A mãe e uma criança descem. Estão de passagem.

A mãe diz apontando para a horta:

– Olha filha, que legal!

A menina:

– Salada.

Mãe:

– Tá vendo aqui? Isso é moranguinho, só que ainda não nasceu.

A menina quer entrar, caminhar pelos canteiros, ultrapassar a calçada.

Interjeição!

– Não filha! Aí não pode!

AS PESSOAS TRAZEM PLANTAS, AS PLANTAS TRAZEM PESSOAS!

Uma mulher observa-me da janela do prédio em frente. Ninguém aparece para colher ou manejar a horta. Só os de passagem. De onde escrevo vejo a Serra do Mar ao fundo, os picos cobertos por nuvens, ipês muito amarelos. É bonito! A Linha Verde separa. A cerca elétrica no muro da horta previne e protege carros à venda. As borboletas estão espevitadas e um vento sopra de leve. Uma senhora de chapéu passa. Sol entre nuvens. Senhora de lenço no cabelo sai do prédio e vem. Cumprimenta e sorri. Ela diz:

– Eu vim do interior, lá a gente plantava muito. Hoje eu não gosto de plantar. É bom vir aqui que eu não preciso comprar.

Ela colhe salsinha e cebolinha.

– Vou fazer uma salada de batatas.

Enquanto colhia, foi retirando alguns matinhos que estavam próximos. Pergunto se ela já tinha comido o peixinho². Ela não conhecia. Trocamos receitas. Dona Gracita está com bobs nos cabelos. Agacha com cuidado para apanhar cebolinha. Eu ajudo a colher a salsinha.

– Chega! Já está bom. É só para mim e minha irmã.

Convida-me para um café dizendo:

– Compreendeu tudo e não entendeu nada.

² Uma espécie de PANC – Plantas alimentícias não convencionais.

COLETIVO MÃO NA TERRA

Uma casa, ciclovia, Bosque do Papa. Dois guris, vontade de fazer algo que incluía. Algo que possibilite a permanência. A fluidez de um portão que já anuncia. Chove. Caminho e encontro com o João Felipe, que chega em seu carro. Ele estaciona, abre a porta do carro, tira o tênis e coloca uma bota de borracha. Tira do banco do passageiro babosas que havia encontrado no lixo, na rua. João cata. Babosas. Recordo-me que catei aparas dessa mesma planta faz alguns meses. Elas estão plantadas no jardim do prédio em que eu morava. Entramos.

– Antes aqui era só mato. Não dá muito para ver tudo o que a gente já fez aqui, porque elas ainda estão pequenas. Quando crescer vai ficar legal.

Caminhamos pelo terreno e ele me mostra as canaletas de cultivo, segundo a agrofloresta, que mistura árvores frutíferas com hortaliças e plantas de médio porte. Várias alturas. Mais próximo de como acontece na natureza. Ficamos ali. Observamos. A chuva aperta. Visto um casaco impermeável. Impermeável? Estou porosa.

Na casinha de madeira, enxada e tesoura. O João abre buracos. João de barro. A chuva não o intimida. Do meu nariz caem gotas da água acumulada. Ofereço ajuda.

– Você pode limpar as babosas.

Ganho uma tesoura. Tensão. Nunca desbastei babosas. Aprendizados. Descasco cuidadosamente o caule com as mãos. Para não machucar. A tesoura me parece agressiva. A cada parte descascada, seca, revela-se um verde claro e úmido. A planta está viva. Lixo.

– Pode machucar mais o caule, pega a tesoura. Assim ela vai pegar melhor na hora de plantar.

O encontro é uma ferida. Vou descobrindo como limpar as babosas. Experimento. Não há o como fazer, nem inspeção e moldes de orientação. Aprendo com as mãos, manuseio a tesoura. Encontro a minha maneira de fazer aquilo. A tesoura é grande demais para as minhas mãos pequenas. Atrapalho-me. Escolho as mãos, por fim. Descubro um jeito. Não imito o João. Outros modos de fazer cabem naquele processo. O trabalho flui, as gotas de chuva escorrem pelo meu rosto. Continuam a pingar. Minhas mãos têm terra molhada e gosma de babosas.

HORTA DO JACU

Um terreno, portões sempre abertos, vizinhança com rosas e couve. Placas coloridas anunciam o Jacu. Bicho do mato. Plantas trepam na cerca e se confundem com o arame. Entrada de tiras coloridas. Os tecidos balançam com o vento. No centro, uma árvore e bancos que a envolvem e convidam. Balança de corda e alagados. Um homem agachado parece traçar diálogo com o que vem de baixo. Chapéu de palha, cabelos compridos, jeans gastos. RockRural.

Jacupalco, Jacuposteira, Jacume, Jacupichu, Jacumotiva. Linguagem forjada. Voz do Jacu. Pássaro. Cara da roça. Fala própria. Cadeias semióticas. Tubérculo. Aglomerar. O Jacu conta sobre tempos outros. Espera. Estado de estar presente. O Jacu chama de lugar de ócio. Importância ao que não delimita. A funcionalidade subtraída. Espaço para o acontecimento. Novas referências. Linhas de recomposição. Na horta do Jacu, outras relações de posse. Cada um pode pegar o que quiser. É de todo mundo. Crianças chegam com baldes. Querem compostar. Guardaram a semana toda. O Jacu retoma. Precisamos lidar com o nosso lixo. Contato. A ideia do sujo, inútil. Adubo. Alimento. Fermenta. Vida pulsante. Sombra da árvore. Conversa. Oferta de Caiçuma³. Líquido espesso. Gosto de banana. Sensação Paladar. Yawanauwá. Antepassados. Resgates.

Na Horta do Jacu, tem sabor no chão, no ar e pela língua. Tem cheiro. Mostarda na boca, arde, picante. Tempo de mastigar, espera, arde aos pouquinhos, espera, espera, acontecimento não produzido. Chega de repente, não sei o que será pela frente..., mas o girassol anuncia que naquele espaço há alegria. Alegria de capuchinho, couve que atrai o pulgão e chama a joaninha. Todo mundo vem para provar. Joaninha prova o pulgão, provo a mostarda. Provam a textura do podre na mão. “A gente tem que lidar com o nosso lixo, né?” O ácido e o seco têm que equilibrar. Equilíbrio, balança, balançar. Facão. Capim. Abrir, criar caminho, terra-lama, corda-capim, Jacupico. Bom-retiro, horta de comunidade a ser inventada, praticada, mascada... A mandioca não se masca mais para fazer o fermentado, mas tem que liquidificar! Esse instrumento da modernidade que junta e mistura saberes e sabores; povos e línguas; os índios, o caipira, a colônia. A horta e o rato urbano. O Jacu, o mendigo, o policial militar. A criança. Na malha urbana costuram-se. Eu me

³ Bebida feita a partir da fermentação da mandioca, mascada por mulheres da etnia Yawanauwá. Ela está presente em diversos rituais e festas.

vi já em outro lugar. Tronco. Ombro. Carregar. Fogo. Aqui já tem cadeira e escova. Moita de projeção. Um menino. Tem que colocar capim. Casca de ovo. Jacumotiva, trem à espera de vagões. Alagado à espera de bananeira. O trabalho é calmo, a terra tem seu tempo e, quando se sabe respeitá-lo, cada lugar mostra sua natureza. Pistas e segredos em processo de nascença. Brota. Lixo que brota, seleção, natureza, brota o que a gente come. Semente. Casa na árvore. Nuvem anúncio de chuva. Aprender com a espera. Acontece e só. Caminhos desviados. Araçá que se oferece na grama. Cheiro. Sabor. Sacola cheia. A terra mostra o que dá. Cultivo. Atenção. Atenção cultivada.

Outra conversa com o sistema. Adensar, se deixa vazio vem o mato. Mostrar para o sistema que é outra conversa. Adensar. Outro tipo de vegetação. Vai virando caminho O mato não aparece. Vou plantando com o que eu vou encontrando. “A terra é boa ó”. A enxada entra. Vai construindo outros espaços. Matéria orgânica e palhada. Criar caminhos. Tem camadas e composto em cima. Mandioca. Tomate. Abóbora. Ocupar visualmente no início. Tronco velho. Bordas. Semente. Palmito juçara. Uma coisa não anula a outra. Deixa os Caruru. Tudo tem uma estrutura. Todos têm o seu papel. Tesourinha. Poda de verdade. Sistema agroflorestal adensado. Manejo a cada seis meses. Consórcio. Milho. Feijão. Tomate. Mandioca. Linha de tempo. Como ela cresce. Diversificação. Um dá espaço para o outro. Os *roots* se adaptam. Tipo a mandioca. Ritmo e fluxo de produção. Plantar o que dá bastante. Cabaça dinossauro. Cata da rua. Grama seca. Troncos. O Jacu cata. Agrofloresta. Solo coberto. Consórcio de diversidade. Trabalho da terra. Culturas anuais. Demorar. O sistema vai dizer. Encheu de formiga. Forrajeira é bom para inverno. Troca de sementes. Difícil. Eu queria uma diversidade. Ornamentais. Florzinha de vovó. Olhar para o espaço. Pode pertencer. Flor. Pedra. A natureza quer adensar. Gosta de um vuco-vuco. Mato não invade. Sistema inteligente. Agricultura urbana. Emergencial. Exige. Tem que ocupar muito rápido. Espaço preenchido. Remanescentes de quilombola. Juçara. Nativo. Mata Atlântica. Açaí. Carência na mata. Começar com resíduo. Alimento não toca no problema. Solução. Apelo. Urbano rural. Ocupar. “Vamo mudar o espírito”. Cisterna. Anarquismo cristão. Agrofloresta. Só um pedaço. Água. Resíduo. Sai do pensamento linear. Cíclico. Se eu sou o solo. Acolher. Diversidade. Comunidade. Troca as moedas. Sai do indivíduo. Mudar a escala. A cada nove metros. Mudança de direção. Diferente.

Natureza. Nunca é hostil. Incluir. Princípio da multiplicidade. Regeneração natural. Rizoma.

HORTAS DO CIC

Acompanhar. Um amigo. Compor. Chegar ao local não conhecido. Perder-se no trajeto. Região desconhecida. Convite. Um café. Seguimos. Pelo bairro. Quintais alimentícios. Couve, Feijão. Poucas flores. Não é enfeite. Outros usos da terra. Alimento. Estética. No beco. Hortelã sobe. Muro. Chão de cimento rachado. Erva daninha. Pensar de outro jeito. Grandes hortas. Observo. O senhor de boné abrindo um portão de madeira. Caminhar. Estreitos caminhos. Entre. Seu Paulo conta. Nomes e para que servem. Ele vai a frente. Sigo. Abrir caminhos. Muitos remédios para crianças. Reclama. Vizinhos que roubam. “Se eles pedissem eu dava. Tem pra todo mundo”. Conta piadas. Uma vida no norte do Paraná. Seu Paulo faz questão de presentear. Braços cheios. Dificuldade. Carregar. Couve. Almeirão. Espinafre. Abobrinha. Plantas medicinais. Seu Paulo se anima. Gosta de conversar. Gosta de contar histórias. Gosta de presentear. Gosta dos remédios. Voltar. Outras hortas. Vizinhança. Espera sorridente. O mesmo portão. Quer mostrar. Plantas remédio. Reclama. Falta de chuva. Tudo está crescendo bem. Orgulho. Um convite. Outro espaço. Uma senhora engraçada. Caminhamos. Seu Paulo bate palmas. A senhora de lenço no cabelo aparece. Dona Jasti. “Esta moça veio conhecer”. Remédios. Sugestão. Aceito. Afetos que pedem passagem. Uma pesquisa. Seu Paulo. Plantas medicinais. Abertura. Atenção cultivada. Compor. Trocar trajetos. Romper. Expectativa. Acolher. Um bairro afastado. Novos encontros. Uma mulher. Vento que balança o lenço no cabelo. Movimento. Enxada que revolve a terra. Sons. Buraco. Alimento. Minhocas. O sabiá. A mulher. Um lenço. O homem de chapéu. Eu e o sabiá. Caminhamos por entre folhas gordas. Confrei. Arneira. Losna. Cânfora. Hortelã-industrial. Enxada. Buraco. Minhoca. Sabiá. “Ela veio aqui para ver os seus remédios”. Enxada. Buraco. Minhoca. Sabiá. “Se plantar um do lado do outro eles casa”. Enxada. Buraco. Minhoca. Sabiá. “É pomada para ferida brava”. Enxada. Buraco. Minhoca. Sabiá. “Se eles pedissem, eu dava”. Enxada. Buraco. Minhoca. Sabiá. “Tem pra todo mundo”. Enxada. Buraco. Minhoca. Sabiá. “Eu vim lá do Norte”. Composição Medicinal.

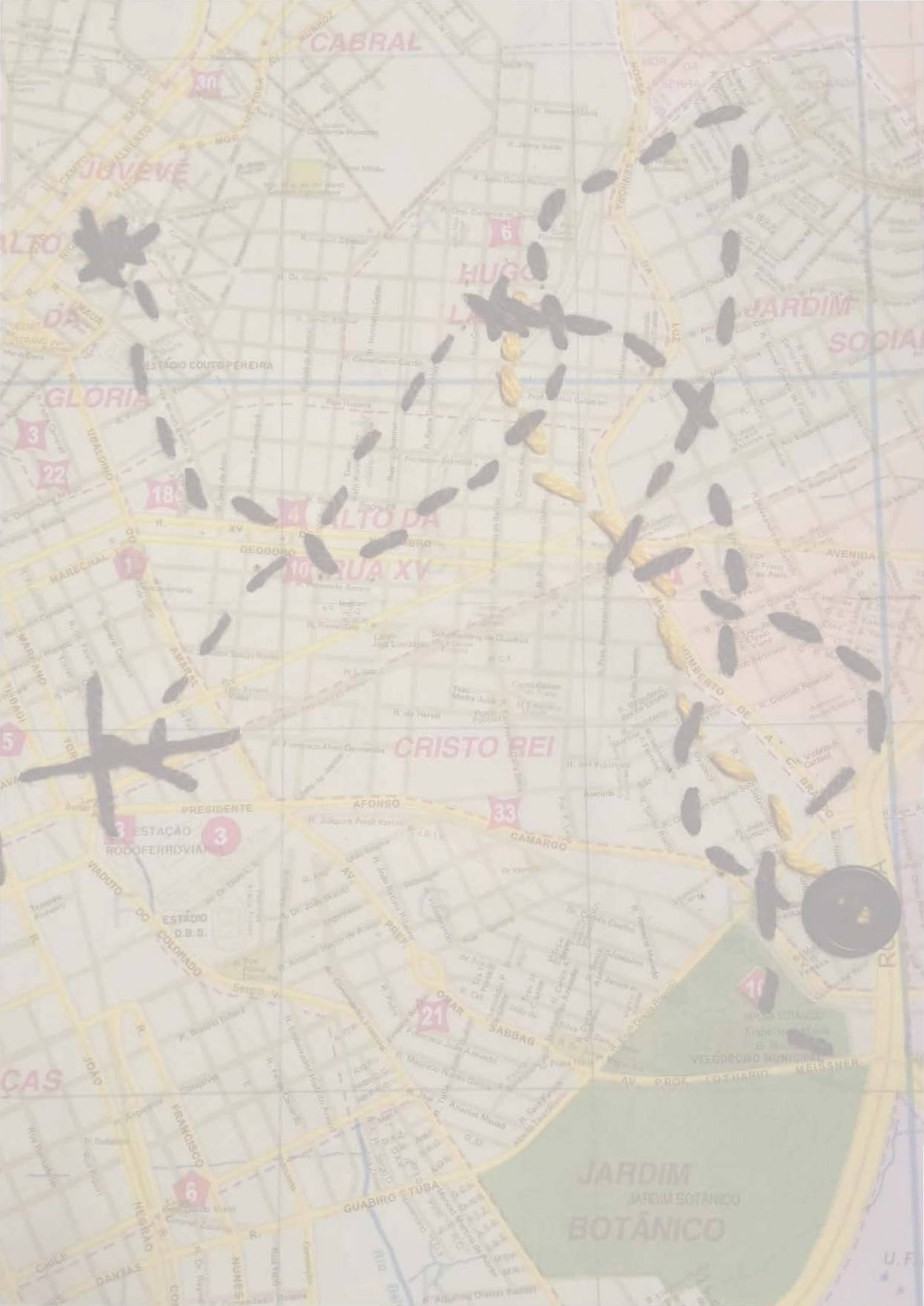
Curitiba, junho de 2018

E então eu vejo você, querido, um pouco assustado. Nos acompanha, com passo apressado, patinhas finas atrás dos pés pesados. E não é que você fala comigo. Como quem diz, olha só, vem aqui ver o que está acontecendo. Somos só nós e as minhocas, claro! Acho que você supunha, pelo meu olhar curioso, que me afeiçoei por você. Da mesma maneira que me ocupava em perceber os gestos de Dona Jasti, a cada vez que ela remexia a terra. Vocês me pareciam cúmplices. Cúmplices de algo que eu ainda não entendo. E talvez não seja mesmo isso. Decido acompanhá-los e só. Olhares. Cantos e assobios. Eu de revesgueio ficava tentando decifrar essa nova língua. A língua de vocês. Coisa mais maluca eu penso. Enquanto o vento balança o lenço de Dona Jasti, seu topete desajeitado cisca o chão e bica a terra. Você, tão baixinho, cantava alto e seguia os passos no fim da fila. Provocava-me. Fiquei pensando que estava ali só por conta das minhocas e talvez assim tenha sido mesmo. Nada de magia entre espécies. Outras formas do encontro. E a conversa que se estabeleceu ali ainda não tem língua que dê conta de contar. Ficamos entre passos, ciscadas, cantos, sons, vozes e minhocas. Continuo aprendendo como caminhar junto.





COSTURAR
PERFURAÇÕES QUE FEREM



CABRAL

JUVEVE

HUGO

JARDIM

SOCIAL

GLORIA

ALTO DA

DEBBORA

RUA XV

CRISTO REI

PRÉSIDENTE

AFONSO

33

CAMARGO

3

ESTACÃO

RODOFERROVIA

3

ESTÁDIO

O.B.S.

COLOMBO

21

SABBAG

JARDIM

JARDIM BOTANICO

BOTANICO

6

HEBRÃO

GUABIRO ETUBA

U.F.

Ela ouve o tecido, ela pouosa
o ouvido, ela ouve com os olhos.
À fibra e ao feixe interroga
sobre o que se entrelaçara,
distinguindo a linha e o intervalo,
o vão, o entreato, atenta
para o que na fala geométrica
e repetida dos fios é um outro
vazio: o de antes da trama, ato
anterior ao enredo; óculos
postos para a escuta, a escuta
desfia-se no vento, o olho
flutua, folha, flor, agulha;
fecha os olhos, ouve
com as pontas dos dedos [...]

Eucanaã Ferraz

TRAJETOS EXISTENCIAIS, UM MAPA

Caminho das hortas, percursos. Abro o mapa e os costuro. Ele deve ter mais de um metro de comprimento e outro tanto de largura. Grande, as superfícies próximas não o acolhem. Costura de chão, apoio, colo. A agulha perfura as imagens, desrespeitando bordas, rios, fronteiras e as grandes avenidas, forjando trajetos outros que produzem marcas no corpo da pesquisadora. Costurar. Ato que ressoa na pesquisa. Caminhos recriados, em composição, deslocados dos trajetos previstos e impressos. Caosmose, linhas que se sobrepõem, entrelaçam, escrita-nó.

Diluir o juiz em nós. Um corpo é muito mais do que um eu. Gagueira como pista. Corpo vivo pulsando. Lugar de passagem. No avesso, emaranhados. Avesso – nu. Corte. Ruptura. Atravessamentos. Rasgos. Alinhavar produz contornos. Corpo expandido. Bordados, costuras que ferem. Perfuram. Sangue. Mucosa. Ir é abismo. De-compor trajetos existenciais. É úmido, adquire temperatura e cheiro. Texturas. Água salgada não mata a sede. Gotas e mais gotas. Sangue. Um músculo vive, pulsa. Dentro de mim. É morno, eu grito. Daquilo tudo que está aqui e não sai. Sair, ir à procura dos outros. Casas. Lugares de morar. Invólucro, membrana que separa do mundo. Borbulho e esquivo. Os célebres tocam as cornetas. Eu surda. Zumbidos. Isso tem um som próprio. Indizível. Língua amarrada. Ensurdecer.

DE-COMPOSIÇÕES

Na pesquisa surge o podre, aquilo que ainda é vida e ao mesmo tempo morte. Ganhar plantas do seu Paulo e guardá-las, como se acolhe um presente. Dentro do saco plástico elas decompõem e eu acompanho o processo, que desenha livremente traços numa folha branca. Incontroláveis. Eles se fazem sem orientação, intenção. Manufaturas. O úmido, mofo, rugas, húmus, outras vidas que surgem. Colônias de microrganismos povoam e vivem da umidade e substâncias geradas. Produzem rastros. Do que era a planta e do que, em rizoma, se torna outra coisa. Pensar nesses processos também na pesquisa. Podre. Penso sobre a língua despovoada, língua podre, que já não pode ser falada, quando as palavras antes usadas morrem e a tentativa insana da lisura da linguagem nos coloca em frente ao que não nos diz mais. Como propor uma de-composição, apodrecimento como processo criativo e matéria de expressão?

Nesse processo, coloquei-me a recortar um livro muito querido, a encontrar linhas de fuga naquilo que já era parte de mim. Compor com pedaços, palavras soltas e expressões deslocadas do sentido inicial. Descobri e provoquei outras narrativas no que já tinha começo meio e fim. A não linearidade do texto que se fez, quase sozinho, provocou outros deslocamentos na pesquisadora. Desembarcar dos lugares seguros, cotidianos, de escrita e pensamento. Desapegos. Um livro, uma narrativa conhecida quase que de cor, há anos, propôs outros lugares, outras atmosferas e um texto tão caótico quanto cheio de afetos, pois se fazia ao mesmo tempo que as mãos, no exercício de não montar uma linha de raciocínio, organizava outras vozes. Um convite a uma escrita outra, escrita música, que não produz significados ou chaves que abrem a compreensão, que não se faz por meio de aquisições de etapas a serem conquistadas e avançadas. Que joga um outro jogo, jogo de afetações, combinações e conversas que ecoam diversas vozes. Como se lê? Como se escreve numa trajetória de pesquisa marcada por tantos?

p a r a t u d o
 sente o peso da mão
 p a r a t u d o
 sente o peso marcas
 p a r a t u d o
 sente o peso coloca em suspenso
 p a r a t u d o
 suspendo
 pendo
 p a r a t u d o

Curitiba, abril de 2018

Naquele dia de vento fresco.

Eu queria escrever uma carta de amor no vento, na tarde quente. Naquela temperatura. Escrever dentro do conto da Clarice, naquela hora perigosa da tarde em que as obrigações se escondem e um ar morno provoca sudorese e receio. Eu queria escrever uma carta de amor encharcada. Não sei bem se isso é amor ou tudo aquilo. À tarde, o morno, o vento. Eu queria escrever uma carta salgada. Carne de sol e maresia. Desse lugar mesmo desses tantos que habito e de todos aqueles que me fazem casa. Eu queria escrever do amor, mas não sobre o amor. Escrever com o amor brincando de escalar meu corpo. Queria escrever com o peso do amor. Uma carta chá de macela. Eu queria escrever sobre caldo brodo e capelleti, os risos, as nonas, os cacos da sopeira e sei que já te disse isso antes. Não me canso de lembrar. Uma carta manequim. Eu queria escrever uma carta tecido, fios emaranhados, renda macramê. Eu queria era bordar uma carta para você. Carta cantiga. Uma carta vinagre de vinho tinto, escarola e bacon. Uma carta domingo. Eu queria escrever para esses olhos que parecem opacos de tanto ver. Eu queria escrever uma carta medicinal. Homeopatia. Eu quis puxar o fio. O fio da meada. Emaranhar...





RE-MEDIAR
ALQUIMIAS QUANDO O OUTRO CHEGA

Para as lutas das odes não costumo ligar,
 Nem na beleza da elegia nada me soa.
 Para mim, nos versos, tudo é fora de lugar,
 Não como é o costume, nas pessoas.
 Se soubessem de quanto busilhão
 Crescem meus versos, sem sentir vergonha,
 Como na cerca as flores do almeirão,
 Como a bardana, como a beladona.
 Grito sentido, cheiro de felugem,
 No muro um secreto abolorecimento...
 E já vem o verso provocante, em sua penugem,
 Para o seu, para o meu contentamento.

Anna Akhmátova

Os encontros ocorrem, uma abertura para sentir, demorar-se, uma escuta. Cultivo de atenção e presença. Esse inventário botânico afetivo inicia em uma das visitas à horta do seu Paulo, no CIC. Ele me é apresentado e solicitado. Ao caminhar entre os canteiros o escuto falar de suas plantas, que variam de hortaliças, ervas medicinais, temperos e árvores frutíferas. Logo acima, linhas de alta tensão cobrem o espaço e provocam uma rachadura na paisagem, que por vezes lembra os sítios e quintais nas áreas rurais. Seu Paulo conta-me sua história, as vivências de criança no Norte do Paraná. Seu Paulo é falante, gosta de conversar. Conta que dali ele tira parte do alimento para toda sua família, que não precisa ir ao mercado comprar verduras. Seu Paulo tem orgulho dos frutos que o trabalho com a terra lhe proporciona. Uma rede de pessoas pode se alimentar sem depender das lógicas envolvidas na produção, distribuição e venda em larga escala. Micropolítica, alimentar-se como ato ético-político, prover o alimento. Seu Paulo doa, divide, oferta, presenteia. A pequena produção é capaz de acolher uma vizinhança e suas famílias, inclusive os ladrões de pular cercas. Seu Paulo ensina, mostra as formas de plantio, o que dá em cada época. Sazonalidades. Sua fala é povoada por afetos. Sonoridades possíveis quando se abre em um estado de escuta. Quando os deslizes ou as expectativas não atendidas abrem universos de possibilidades.

Um inventário em construção e alguma coisa havia chegado de vez e quebrava em lascas (bem pequenas) as certezas que cultivava no processo. Uma pergunta, abaixo da marquise, por conta da chuva. “Isso não te incomoda?” E não incomodava. Pretendia seguir os passos que imaginava até chegar em um sei lá o que de destino. Dissertação. Processos de uma pesquisa que desmoronam, fazem ruir. Interromper aquilo que pensava estar em movimento. Martelava na cabeça. Não conseguia mais escrever o inventário como no início, com as plantas do seu Paulo e

seus tantos usos medicinais, nem olhar para as colheitas tão delicadamente posicionadas para fazer sentido. Não cabia mais nada próximo de uma receita, modos de usar. As determinações estavam tão distantes. Era preciso compor com as plantas, experimentar uma linguagem junto. Era preciso cheirar, sentir, degustar, digerir. Demorar.

Desapego. Perder o rumo. Suspender. Evaporar, então. Incômodo de não saber mais do que se trata tudo isso.

Respira.

Puxa o ar

segura 10 segundos

desperta o diafragma

Solta devagar

Devagar

Era preciso desnaturalizar a relação utilitária, também, com as plantas. Procurar escapar do olhar antropocêntrico. Essa questão vinha de todos os lados, nas apresentações em congressos, nos livros publicados, artigos e reportagens; e parece quase magia que aquilo aparecia assim tão depressa. Magia descartada. Tudo estava ali, sempre esteve. O quanto cabe num processo de pesquisa? O cultivo de uma atenção não é uma constatação, é desmoronar, é carne, ferida aberta, dor. Como sentir-se perdida numa cidade nova ao cair da noite. Potência que desliga os botões e o piloto automático. Um corpo disponível e presente.

Entre hortas, pessoas, plantas, minerais e sabiás algo escapou, como a areia entre os dedos. E me parece ser esse mesmo o movimento do pesquisar. Conviver com o que escapa, lutar contra a ideia de totalidade. E isso é um trabalho do corpo. Assim que algo escapa, um espaço se abre e outras composições podem acontecer. Um estar outro.

É preciso estar infinitamente.

Presenças cultivadas. Deixar ir. Conservar incertezas. Pensando com modos de existir vegetal, outros corpos, ativando um devir-planta na pesquisa. Mas como? Experimentar essa existência na escrita? Na maneira de estar no mundo? Deixar fluir aquilo que escapa da primazia do intelecto humano, que organiza e hierarquiza as vidas no planeta a partir dessa referência. Que seja então mais um processo de experimentação. Criar composições com esse corpo planta. Viver suas

penetrabilidades. Capacidades de existência. Produzir com o que absorve o próprio alimento da pesquisa. Fotossintetizar. Alterar formatos, bricolar.

Silêncios. Um corpo disponível, afetado a todo momento pelo que chega e o que vai. Inviável a distinção entre fora e dentro, entre um eu e um outro. Fusão com o mundo e suas intempéries. Anuncio de ventania. Corpo fluido.

CONTORNOS IMPERCEPTÍVEIS

Corpo mesclado

Instável

ao toque do mundo

variações indecifráveis

Aberturas

Vila de muitos

Vila Velha

Existe algo mais permeável que uma pedra?

devir planta

devir rocha

Existe algo mais permeável que uma pedra?

Suspender a lógica da abertura

Da permeabilidade

Do convívio mesclo

intempéries

Planta, ventre de transformações

Polimorfias

modificações seculares

Cristalinos

Evaporar

Gotículas de uma escrita mineral

pedem passagem

solicitam

O vento perfura lentamente uma pele porosa

Microporos

solicitam

solicitam

solicitam

Curitiba, junho de 2018

Fico aqui boquiaberta, quando recebo seu livro e como naquelas brincadeiras de criança abro-o como que num oráculo. Suspenso. Respiro fraco e descompassado. Inutensílios chama seu capítulo. Estamos conversando a distância me parece. Você me sonda? Por hora sinto que estabeleço diálogos incomuns com algumas músicas, imagens, poesias, com a terra e até com sabiás. Todos me interpelam. Escrever com aliados? Escrevo a n-1? Multiplicidade que se desenvolve e se compõe sem controle algum. Fiquei de certo assustada, admito. As mesmas palavras? De quem são as palavras? Dupla-captura que vai escoando até não encontrar nenhum início ou haste principal, que não tem origem e nem finaliza. A utilidade pelo visto assombra mais do que eu supunha, ingenuamente. Utilidade que interrompe a criação. Por isso encontro com vocês nas artes? Tenho vontade de pensar e falar sobre isso também em outros contextos e sensibilidades. O seu livro tem um quê de manuseado. Folha de jornal fina que ao toque um pouco mais agressivo se desfaz e constrói outras frases e sentidos. Te digo que senti vontade de rasgá-lo. Li algo assim que você escreveu e quero dizer com a minha voz para ver como te soa:

Coisas inúteis (ou in-úteis) são a própria finalidade da vida. Vivemos num mundo contra a vida. A verdadeira vida. Que é feita de júbilo, liberdade e fulgor animal. Cem mil anos-luz além da utilidade, que a mística imigrante do trabalho cultiva em nós, flores perversas no jardim do diabo, nome que damos a todas as forças que nos afastam da nossa felicidade, enquanto eu ou enquanto tribo. A poesia é o princípio do prazer do uso da linguagem. E os poderes deste mundo não suportam o prazer.⁴

Ps. Tinha te copiado nas aspas e incluído algumas palavras em negrito para supor minha entonação. Desisti. Melhor deixar assim para ver como nossas vozes funcionam juntas.

⁴ Trecho retirado da obra de Paulo Leminski "Ensaio e Anseios Críticos" publicado em 1997.

INVENTÁRIO BOTÂNICO AFETIVO



Lavanda

LAVANDA

A força e a fluidez de uma onda

MALVA



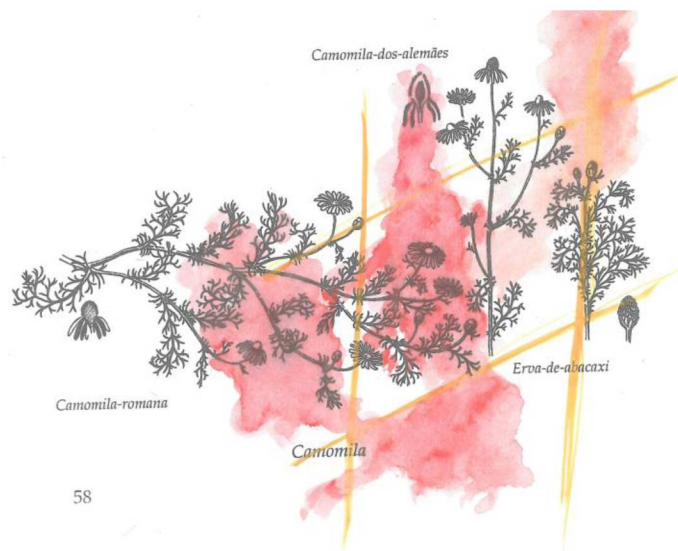
Ela se punha a correr alguns quilômetros quando aquela coisa a arrebatava, um vai e vem do estômago ao peito

Só-corria

vai e vem vai e vem vai e vem vai
e vem vai e vem vai e vem vai e vem
vai e vem vai e vem vai e vem vai e vem
vai e vem vai e vem vai e vem vai e vem vai
e vem vai e vem vai e vem vai e vem vai e vem
vai e vem vai e vem vai e vem vai e vem vai e vem
vai e vem vai e vem vai e vem vai e vem

LOSNA

Era virada em estrelas. As vezes sentia que sua pele se confundia com aqueles pontos refletidos. Mesclada com o céu mantinha-se parada, estática, respiração controlada pra não balançar. Os pés enraizavam o chão à espera do vento. Era um dia quente e nenhuma brisa alcançava nenhum pêlo.



CAMOMILA

Usava muito preto diziam
Quase sempre aquela distinção
de quase madame
O que ninguém sabia é que
sozinha ficava nua
O luto na máquina de lavar

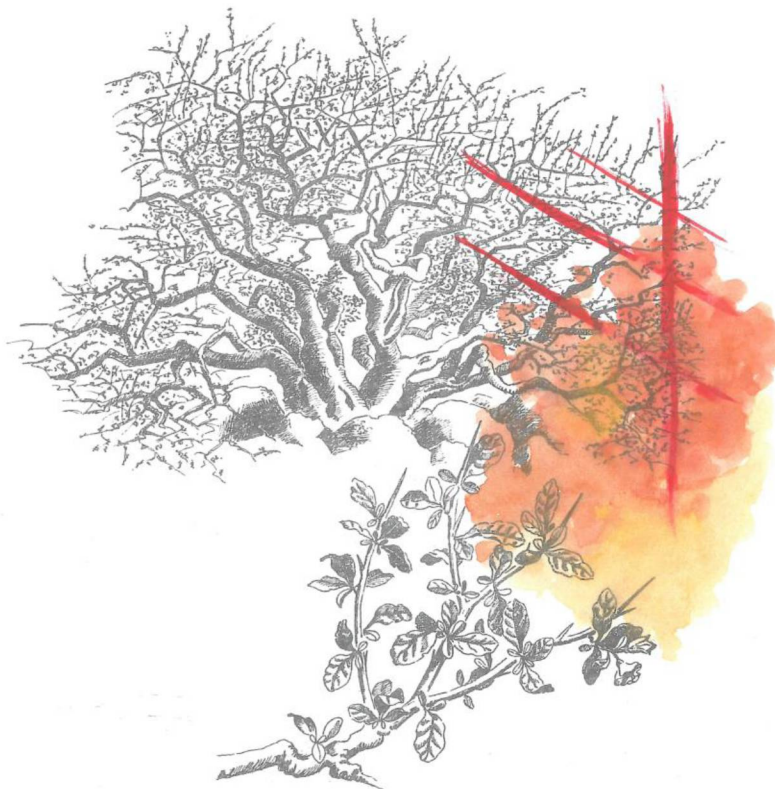
exalava odores juvenis

URTIGA

Pra que serviam os pés
pensava?
mais atrapalha do que ajuda
Tropeçando viveria mais
perto do chão?



Urtiga



Mirra

MIRRA

Tinha uma amiga
quando criança
ela quase lembrava o
nome
Distraída
sua filha descalça
dançava na mesa da
sala

VALERIANA

Nos sábados colocava a mesma
música
Usava panos de prato no chão
Cozinhava a mesma lasanha
Acabava sozinha com o vinho
dormia
limpa



CALÊNDULA

Chovia o dia todo
E a multidão em procissão
formava um estranho ser com
costas de guarda chuva
Preto
Um quase aracniano
acompanhava a senhora num
caixão



Pimenta-de-caiena

PIMENTA DE CAIENA

Abria-se em pétalas

daquelas flores de cactos que na noite se escondem

Se recolhendo no mistério

CAVALINHA

“ cavalos”.

Meia perna dentro, meia fora,
meias nove fora, uma brincadeira

Água em pingos grossos, arranha
a pele
E escorre em tosco rio inventado

Mãos para fora, protegendo uma
escrita seca de corpo molhado
Anfíbio esse lugar
Ela não obedece a gravidade
sobe e toma todo o corpo
folhas e a tinta

manchas

encharcada inspiração

escorre

ir pingando até não sobrar mais nada

algumas guelras e respirar no fundo

quem sabe
um mar surge pelas pernas

caldos, caldos, caldos

água no nariz, espirros

respiro
respiro
respiro

guelras

Altemar Dutra no rádio

A metamorfose segue



O que separa e o que invade?

Impermeáveis

Você merece essa fome

Raízes emergem das veias do pé

Os braços se movimentam delicados
Com receio de quebrar as novas radículas

A coluna dói

De um rasgo na pele emergem brotos

É primavera afinal

Tomates a chuchus
Bromélias a margaridas

Costelas de adão

Sem permissão

a cada vértebra surjo verde

É preciso rasgar a pele

Você merece essa fome

Banhos botânicos

ANGÉLICA



Ela gostava da janela
Quando escrevia, juntava a poltrona
ficando com os joelhos abaixo do
parapeito.
O caderno no colo fazia suar as coxas.
Orvalho.
Era tudo sobre água, no fim.

Tinha um horizonte dividido em cenas
e planos. Escrevia morta de medo da
distinção exploratória. Da totalização
dos seus horizontes e sensações
Os tomates ao longe exibiam sua
madures.

Saiu correndo
Para inspiração
A insônia viria dos tomates, ela previa.

Saudação à primavera



SÁLVIA

Às vezes experimentava coisas estranhas
Deitava no tapete e fechava olhos e ouvidos
Seu coração fazia tanto barulho
que ela despertava do sono vegetal
Como é que o mar acolhe os rios que
chegam depois de um grande percurso, ein?



Erva-doce

ERVA DOCE

Desde menina fazia suas próprias vassouras de piaçava. Sua mãe chamava a pobre planta de vai-tudo. Ia até o caule e puxava as fibras que iam soltando. Amarravam as pequenas vassourinhas e depois tudo junto virava um grande feito.

A fibra era a que melhor varria as folhas secas na varanda

Vai ver é porquê elas já se conheciam.



ERVA CIDREIRA

Como é que pode
numa só existência
um tanto de mundo?



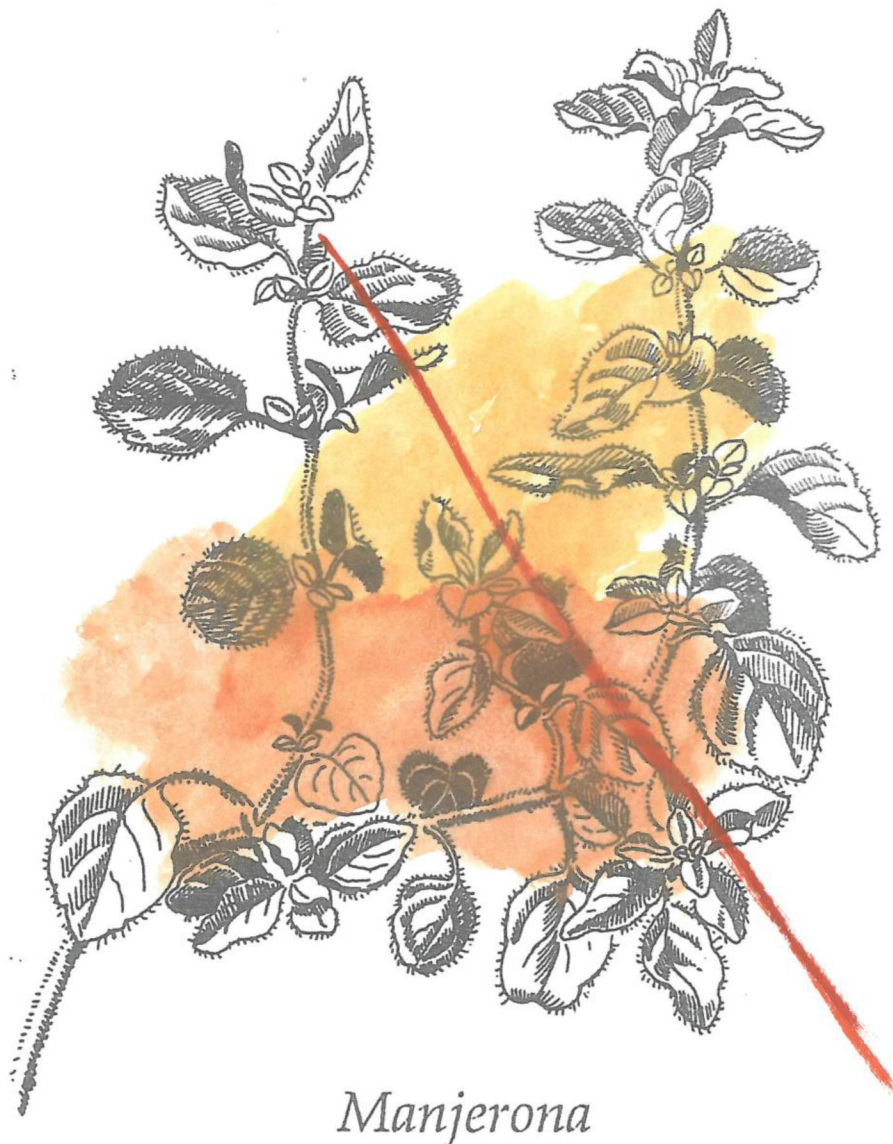
SALSA

O gato de estimação morreu quando ela tinha uns 8 pra 9 anos. O pai denunciava no olhar uma preocupação com a pobre menina.

Sugeri um ritual.

Enterrariam o bichano no quintal e plantariam uma árvore no lugar.

Não sei bem precisar, mas todos os meses, durante um bom tempo ela levava novelos de lã e enrolava nos galhos, deixando um pedacinho solto pra balançar no vento



Manjerona

MANJERONA

Foi num domingo, à tarde. No quintal de uma casa no Bom Retiro. Do portão de ferro ela avistava aquela que seria a condutora da experiência. Uma meia dúzia de gatos pingados sentados nas almofadas dispostas na grama.

Aquela mulher, saia longa, blusas soltas, um pano no cabelo comprido, fazendo uma tiara.

Ela pensou em ir embora, algumas vezes.

Um: - oi, pode entrar! Acabou com seu plano de fuga.

VERBENA

Parecia que a vó é que sabia das coisas. O vô, era meio bobo. Só conseguia se comunicar com piadas e anedotas. Acho que se tirasse o chapéu marrom da cabeça esquecia como é que se fala com gente.

A vó curava dor de barriga, dor no dente, cistite, verme, alergia, asma, bronquite, unha encravada, inflamação, bicho de pé, joelho ralado, artrite, artrose
dor de amor

insônia

Insônia

Insônia

Insônia

Insônia

Insônia



Verbena



Arruda

ARRUDA

Era bem clichê, ela sabia. Mas ir encontrar o pequeno bosque ao lado da escola era a melhor rota de fuga. Cronometrava no relógio, 10 segundos antes de tocar o sinal.

Corria

E escondida no bosque imaginava feliz como seria ficar sem fazer nada ali até o meio dia. O silêncio era necessidade pra não ser apanhada e ela aprendeu a sussurrar com as plantas.

11h59,

fumava o último cigarro e seguia rua acima.



Hortelã

HORTELÃ

A onda
furiosa
estoura na pedra

- estardalhaço mineral -

Exausta
em vazante
revela

MARÉS

mais profundas

REFERÊNCIAS

- AKHMÁTOVA, Anna. **Poesia russa**: poesia bilíngue. Tradução de: BERNARDINI, Aurora Fornoni. São Paulo: Kalinka, 2016.
- ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo. **Breve história de estadas e partidas**. São José dos Campos: Graphien, 2014.
- AMADEU, Maria Simone Utida dos Santos et al. **Manual de normalização de documentos científicos de acordo com as normas da ABNT**. Curitiba: Ed. UFPR, 2015, 327 p.
- AMARAL, Antonio Luis Medeiros. **Teatralidade humana**: estudos sobre a relação corpo-ambiente em um processo cartográfico na Educação Ambiental. 250 f. Tese. (Doutorado em Educação Ambiental) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2013.
- BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- BELLATIN, Mario. **Flores**. Tradução de: BAPTISTA, Josely Vianna. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- BIERNASKI, Emerson; KASPER, Kátia Maria. **Maquinações: bicicletas, corpos, arte, ecosofia**. **Alegrear**, Curitiba, n. 16, dez. 2015.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Tradução de: MAINARDI, Diogo. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- CASTRO, Marcílio França. **Breve cartografia de lugares sem nenhum interesse**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.
- COCCIA, Emanuele. **A virada vegetal**. Tradução de: CARLI, Felipe Augusto Vicari de Carli. São Paulo: N-1edições. /2018.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de: NETO, Aurélio Guerra; COSTA, Célia Pinto. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. v. 1.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de: NETO, Aurélio Guerra; COSTA, Célia Pinto et al. São Paulo: Editora 34, 1996. v. 3.
- FERRAZ, Eucanaã. **Cinemateca**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- GANZ, Louise. **Imaginários da terra**: ensaios sobre natureza e arte na contemporaneidade. Rio de Janeiro: Quartet, Faperj, 2015.
- GRESTA, Ayla. In-cômodo. **Revista MetaGraphias**: coordenadas vagabundas, Brasília, UnB, dez. 2015.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução de: BITTENCOURT, Maria Cristina F. Campinas: Papyrus, 1990.

GUATTARI, Félix. **Caosmose um novo paradigma estético**. Tradução de: OLIVEIRA, Ana Lúcia de; LEÃO, Lúcia Cláudia. São Paulo: Ed. 34, 1992.

GUATTARI, Félix. Espaço e poder: a criação de territórios na cidade. Espaços e debates, **Revista de Estudos Regionais e Urbanos**, São Paulo, Neru, ano V, n. 16, 1985.

GUATTARI, Félix. **Revolução molecular**: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Sueli. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

GUIMARÃES, Leandro Belinasso; SAMPAIO, Shaula Maria Vicentini de. A potência ambiental da educação. **Texturas**, Canoas, Ulbra, v. 16, n. 30, jan./abr. 2014.

JORGE, Eduardo; MARQUES, Ana Martins. **Como se fosse a casa**: uma correspondência. Belo Horizonte: Relicário, 2017.

KASPER, Kátia Maria. Eco-lógica: Efigênia entre arte e vida. **Rev. Ciência e Educação**, Bauru, v. 20, n. 2, 2014.

LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. São Paulo: n-1edições, 2017.

LARROSA, Jorge. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, Marisa Vorraber. (Org.). **Caminhos investigativos**: novos olhares na pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002a, p. 133-160.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

LEMINSKI, Paulo. **Ensaio e anseios crípticos**. Curitiba: Polo Editorial do Paraná, 1997.

LEPREVOST, Luiz Felipe. **Tudo urge no meu estar tranquilo**. Curitiba: Encrenca, 2017.

MARQUEZ, Renata Moreira. **Geografias portáteis**: arte e conhecimento espacial. 250 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

MORAES, Vinicius; SILVA Hermano. Onde anda você. In: **Toquinho e Vinicius**. Philips, 1975. 1 LP.

MUELLER, Christina. Plante você mesmo. **Piseagrama**, Belo Horizonte, n. 9, p. 112-119, 2016.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa intervenção e produção de subjetividade. 2. reimp. Porto Alegre. Sulina, 2012.

PRATES, Marcelo. Pendurados. **Piseagrama**, Belo Horizonte, n. 5, página 16-20, 2013.

ROLNIK, Suely. **A hora da micropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2016.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2. ed. Porto Alegre, Sulina: Ed. UFRGS, 2016.

ROLNIK, Suely. Corpo-cidade. **Revista Redobra**, Bahia, nov. 2010. Entrevista. Disponível em: <<http://corpocidade.dan.ufba.br/redobra/r8/trocas-8/entrevista-suelyrolnik/>>. Acesso em: mar. 2018.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

ROLNIK, Suely. **Por uma Ética do Real**. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/eticareal.pdf>>. Acesso em: dez. 2017.

SILVA, Lídia Pereira. **Dos quintais às ruas**: estudo de implantação de hortas nos vazios urbanos de João Pessoa como parte da infraestrutura verde. 176 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil e Ambiental) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

SILVA, Rodrigo Lages. A ficção: uma aposta ético-política para as ciências. **Fractal. Rev. de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 26, 2014.

SOUSA, Vera Cristina Ferreira de. **Bucareste na sua evolução urbana**: processo experimental de regeneração de espaços públicos. 259 f. Dissertação (Mestrado Integrado em Arquitetura) – Universidade Lusíada de Lisboa, Portugal, 1988.

VIDAL, R. T. **Cartografia dos quintais**: 'presença' rudimentar na cidade. Monografia (Arquitetura e Urbanismo e Artes aplicadas) – Universidade Federal de São João Del Rei, São João Del Rei, 2015.

WARAT, L. A. É difícil dizer adeus: do anti-édipo à ecosofia. **Revista Sequência – Estudos Jurídicos e Políticos**, Florianópolis, v. 13, n. 25, dez. 1992.

TRINDADE, Rafael. Devir-árvore. **Revista Razão Inadequada**, jul. 2018. Disponível em: <<https://razaoinadequada.com/2018/07/11/devir-arvore/>>. Acesso em: ago. 2018.